

PESQUISA PARTICIPANTE E NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: ASPECTOS METODOLÓGICOS E IMBRICAMENTOS SOCIAIS

Leda Regina de Jesus Couto¹

Resumo: As experiências com pesquisa participante geralmente se alinham com projetos que têm envolvimento com ações populares, realizados com e a serviço de pessoas ou grupos sociais, a fim de que tenham suas vozes ouvidas para além de sua comunidade. O pesquisador busca conhecer e sistematizar esse conhecimento para que os saberes desses grupos populares sejam amplamente compartilhados e respeitados, envidando, por vezes, transformações de cunho social, político e ideológico. Neste artigo, objetivamos discutir alguns aspectos metodológicos da pesquisa participante, tendo por base as narrativas (auto)biográficas. Destacamos a importância do compromisso social, político e ideológico do pesquisador com a comunidade e ações sociais em estudo.

Palavras-Chave: Pesquisa Participante. Pesquisador Comprometido. Narrativas (Auto)Biográficas.

INTRODUÇÃO

Ao realizarmos pesquisa, uma das primeiras indagações que surge é acerca da metodologia a ser utilizada. Esta dependerá do tipo de investigação que será realizada, se é qualitativa ou quantitativa, envolvendo seres humanos ou não, se haverá pesquisa de campo, etc. Neste artigo nos ateremos a discutir alguns aspectos da pesquisa qualitativa, mais especificamente relacionada às histórias de vida ou narrativas (auto)biográficas, através da

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de Pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Maria Neuma Mascarenhas Paes. Endereço eletrônico: lcouto@uneb.br.

pesquisa participante que busca compreender mais profundamente aspectos da vida de pessoas ou grupos sociais.

Ressaltamos, tomando por base Cruz Neto (2002), Minayo (2002a; 2002b), Abrahão (2003) e Silva (2014), que a observação nesse tipo de pesquisa se realiza através do contato direto com pessoas e/ou grupos estudados para obter informações desses atores sociais em seu local de atuação. E, para além disso, que o processo de estudo de campo e entrevistas pode levar o investigador a reformular suas teorias, seus caminhos de pesquisas, gerando novos olhares e indagações acerca do objeto pesquisado.

Esse processo de reformulação da pesquisa acontece na medida em que percebemos que a dinâmica social é realizada por sujeitos que devem ter sua subjetividade respeitada, que “não são ingênuos espectadores, nem subjetividades ao acaso ou atores não-críticos” (CRUZ NETO, 2002, p. 62). Essas pessoas que contam suas histórias de vida para o pesquisador não são receptores passivos, eles “pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções” (MOSCOVICI, 2007, p. 44-45) a questões que vivenciam.

Portanto, a pesquisa participante, como afirma Brandão (2006) busca novas compreensões para antigas questões, bem como, novas formas de interação pedagógica e ação social. Devemos ter em vista o objetivo de construção de um mundo mais justo em que os saberes dos coletivos sociais minorizados sejam vistos e ouvidos para que sejam respeitados como sujeitos de direito de produção de conhecimentos. É prioridade discutir e trazer à mostra a representatividade das comunidades pesquisadas, visto que,

a confiabilidade de uma ciência não está tanto no rigor positivo de seu pensamento, mas na contribuição de sua prática na procura coletiva de conhecimentos que tornem o ser humano não apenas mais instruído e mais sábio, mas

igualmente mais justo, livre, crítico, criativo, participativo, corresponsável e solidário. Toda a ciência social de um modo ou de outro deveria servir a política emancipatória e deveria participar da criação de éticas fundadoras de princípios de justiça social e de fraternidade humana (BRANDÃO, 2006, p. 23).

Assim sendo, pesquisar, disseminar conhecimentos e possibilidades das vidas de cidadãos e comunidades discriminadas e desumanizadas do nosso país, é uma forma de responder aos desafios em um Brasil que desde a colonização os submete a relações de dominação e poder que envida inferiorizá-los, destituí-los do direito de produzir conhecimento e cultura. Neste sentido, Brandão (2006) cita alguns exemplos do que pode ser feito pelo pesquisador junto com as comunidades pesquisadas:

dinâmicas de grupos e de reorganização da atividade comunitária em seus processos de organização e desenvolvimento; de formação, participação e mobilização de grupos humanos e classes sociais antes postas à margem de projetos de desenvolvimento socioeconômico, ou recolonizadas ao longo de seus processos (BRANDÃO, 2006, p. 23).

A pesquisa participante com base em narrativas (auto)biográficas busca o desconhecido, confronta o que nos é estranho, para nos aproximarmos de outras formas de atuar, ver a vida e a (con)vivência em coletivos sociais. Priorizando novos olhares em numa perspectiva decolonial onde os coletivos possam ter sua voz respeitada como pessoas de direito que foram postas à margem, excluídas por uma elite colonial dominante.

SOBRE A PESQUISA SOCIAL

Quando objetivamos fazer pesquisa, precisamos dispor de uma metodologia com um conjunto de técnicas e instrumental coerente e claro (MINAYO, 2002b), enfim, bem elaborado, para que a pesquisa flua e ajude a solucionar os impasses que surgem no caminhar do pesquisador. Contudo, a metodologia pode sofrer mudanças de acordo com o desenvolvimento da pesquisa, o estudioso precisa ter um olhar crítico, uma escuta e respeito aos narradores para fazer mudanças em sua metodologia de acordo com as necessidades, pois a pesquisa se constrói na caminhada do pesquisador com a comunidade pesquisada, sendo esta “um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações” (MINAYO, 2002b, p. 21-22).

Variadas são as metodologias e os instrumentos de coleta e análise de dados na pesquisa qualitativa que visam abordar “o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações” (MINAYO, 2002a, p. 15). Por ter um contato direto com seres históricos, socialmente engajados, a pesquisa qualitativa faz parte de uma ciência “intrínseca e extrinsecamente ideológica” (MINAYO, 2002a, p. 14), visto que, veicula e/ou defende visões de mundo histórica e socialmente construídas. Esse tipo de pesquisa é realizada com base na vida social que, segundo Minayo (2002a), é mais rica do que as teorias criadas sobre ela, portanto, fonte inesgotável de conhecimentos e análises.

Por uma pesquisa etnográfica que tenha um olhar crítico sobre as desigualdades sociais e desafios que acometem as populações desassistidas do nosso país, segundo Pereira (2014), o pesquisador precisa ter um posicionamento político diante dos sujeitos de sua pesquisa, visto que, na pesquisa (auto)biográfica, ouvimos, observamos e interagimos com saberes, crenças, atitudes

e valores dos sujeitos da pesquisa. Corroborando a mesma ideia, Minayo (2002a, p. 11), defende que a pesquisa social possibilita concretamente “tratarmos de uma realidade da qual nós próprios, enquanto seres humanos, somos agentes”.

A pesquisa social não se coloca no lugar apenas de coleta de dados, ela se apresenta como “uma atividade também pedagógica e, de certo modo, também assumidamente política” (BRANDÃO, 2006, p. 24). Estamos, assim, lidando, escrevendo e divulgando a representação desses sujeitos em suas comunidades. Moscovici (2007, p. 40) salienta que “as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. Na realidade, é isso que as caracteriza”. O autor pondera que fazemos parte de uma sociedade pensante, que busca por mudanças, e estas representações sociais são capazes de influenciar indivíduos e seu comportamento. Logo, a pesquisa participante deve ser crítica e ativa para dar voz a esses coletivos sociais.

O PESQUISADOR NA INVESTIGAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA

Ao estudar um coletivo social o pesquisador tem, geralmente, em sua história, imbricamentos com o objeto pesquisado, há uma relação com sua formação, história profissional e/ou pessoal. Não há como negar que os caminhos da pesquisa se entrecruzam com as próprias experiências, visto que, as pessoas da pesquisa “por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos” (MINAYO, 2002a, p. 14). Se não houver tal imbricamento, deve haver o respeito e a compreensão sobre o lugar de invisibilização de coletivos minorizados para uma

luta ou uma guerra cultural contra as perspectivas coloniais que são perpetuadas em um mundo capitalista e elitista.

Observamos essa relação pesquisador-pesquisados no seguinte depoimento de uma pesquisadora:

as recordações e reflexões acessaram descobertas de mim durante o processo da pesquisa; as interrelações entre minha história de vida e o objeto da pesquisa se constituíram como dispositivos formativo, autoformativo e heteroformativo (PEREIRA, 2014, p. 22).

Essa interação com os sujeitos da pesquisa e suas comunidades, por vezes, nos leva para outros caminhos inimagináveis, surpreende-nos, indigna-nos, faz-nos criar outras indagações, outras buscas, ampliação de pesquisas e outras ações. Nesta perspectiva, Cruz Neto (2002) argumenta que o campo onde realizamos a pesquisa é sempre um espaço de possibilidades e novas revelações, descobertas. Então, um ponto importante na atuação do estudioso é ser humilde, não ir com respostas prontas para questões elaboradas. Segundo Cruz Neto (2002, p. 56) um posicionamento equivocado por parte do investigador pode gerar “constrangimentos entre pesquisador e grupos envolvidos, podendo implicar no surgimento de falsos depoimentos e propiciando uma posição de defesa das ideias e valores desse grupo”. Seguindo o mesmo princípio, Pereira (2014) enfatiza a importância da conduta do pesquisador, uma vez que este deve ter cuidado com sua imagem, se sua conduta e personalidade não forem satisfatórias, a comunidade, provavelmente, não estará aberta a se expor à pesquisa.

INTERAÇÃO COM A COMUNIDADE

O lugar ideal para uma pesquisa de campo é o local onde as pessoas e os grupos vivem em “uma dinâmica de interação social”

(CRUZ NETO, 2002, p. 54). Esses indivíduos serão estudados com base nas teorias formuladas pelo estudioso, ou seja, forma-se “um palco de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos pesquisados” (CRUZ NETO, 2002, p. 54).

Neste sentido, não se pode chegar com uma entrevista pronta para ser feita aos sujeitos da pesquisa. Antes disto, faz-se necessário interagir e conhecer a comunidade que iremos pesquisar, se já a conhecemos é preciso ter cuidado com o nosso olhar, deve ser um olhar mais crítico, um olhar de pesquisador que não exclui toda a experiência de vida que já possuímos.

Os primeiros contatos com a comunidade devem ser feitos com o auxílio de alguns de seus participantes ou de pessoas que tenham proximidade com os grupos sociais a serem estudados (CRUZ NETO, 2002) para estabelecer com cautela uma relação de confiança, empatia e respeito mútuo. Além do contato com a comunidade através de pessoas vinculadas a ela, Brandão (2007) ressalta que é necessário um conhecimento prévio do lugar, fazer leituras sobre a comunidade e seus sujeitos, buscar textos produzidos por pessoas daquele local, procurar informações oficiais sobre a comunidade, entrar “em contato com as instituições estatais, municipais, religiosas, particulares, políticas, que possam [...] fornecer dados a respeito” (BRANDÃO, 2007, p. 23) daquele grupo social. Também podem ser acessados veículos de comunicação e redes sociais locais.

Brandão (2007) também enfatiza que a pesquisa de campo deve acontecer em duas etapas. Um primeiro momento em que o pesquisador vai ao local para um contato prévio com a comunidade, um reconhecimento das vivências locais para que dê início a uma proposta de pesquisa ou projeto inicial. Nestes primeiros contatos, devemos “conviver, espreitar dentro daquele contexto o que eu chamaria o primeiro nível do sentir, sentir como

é que o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu me deixo envolver” (BRANDÃO, 2007, p. 13) para que as pessoas de comunidades não se sintam invadidos, não se fechem para a pesquisa. De acordo com o autor, o segundo momento é quando o estudioso inicia seu trabalho de compreensão das relações sociais diretas e indiretas, já sabe o que irá pesquisar, qual o seu objeto de estudo e seus objetivos, que, é claro, podem se modificar ao longo da pesquisa.

É necessário deixar claro para o grupo ou indivíduos da pesquisa do que se trata o estudo, nossos objetivos e os benefícios que tal pesquisa pode trazer. O acesso a informações que o pesquisador almeja obter perpassa pela cooperação das pessoas e comunidade, prevalecerá sempre o diálogo para o desenvolvimento do trabalho. Como exemplo, Pereira (2014) relata em sua experiência de pesquisa de campo:

Vivenciei como pesquisadora a necessidade de me colocar no lugar de aprendiz, no sentido de me abrir para entender os processos civilizatórios e históricos, as práticas sociais, as crenças e os modos de vida dos sujeitos/atores da comunidade (PEREIRA, 2014, p. 29).

A autora enfatiza a importância da observação detalhada das atuações desses indivíduos em suas comunidades, como se comunicam, como estabelecem a organização de grupos, as emoções demonstradas nas relações sociais, bem como, suas formas de trabalho, de expressão de valores e crenças, ou seja, é necessário antes de fazer qualquer interferência ou entrevista, uma observação e interação com o agir social e cultural da comunidade. Logo, cada dia de observação e interação deve ser refletido, avaliado e analisado, tendo por base os objetivos da pesquisa (CRUZ NETO, 2002). Teremos, assim, um olhar sobre as dificuldades e preconceitos sofridos pela comunidade, assim como, uma visão

sobre a forma como enfrentam seus problemas, suas conquistas e possibilidades criadas para (sobre)vivência.

A observação participante auxilia a “captar uma variedade de situações e fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (CRUZ NETO, 2002, p. 59-60). Sentir o que vive e como vive o sujeito pesquisado nos estimula e facilita a escrita, a interação e, quiçá, a trazer visibilidade para que outras comunidades se vejam nestas e/ou percebam a importância de valorizar o ser humano e de lutar por mudanças de atitude em busca de uma sociedade mais digna, mais democrática. Portanto, a observação participante é aquela em que:

Quero estar ali vendo o que está acontecendo. E participar em um seguinte sentido também: de que eu me envolvo pessoalmente com o próprio trabalho quando posso. [...] Não para sentir, não para que as pessoas me sintam como alguém deles, mas que para esse participar faça com que eu me identifique mais de perto como uma pessoa não deles, mas mais próxima deles [...] (BRANDÃO, 2007, p. 13).

Como o próprio termo expressa, trata-se de uma pesquisa em que o cientista social pesquisa, participa e se envolve com a comunidade para compreender suas vozes e ações, bem como, com ética e imbricamento social e político divulga sua pesquisa e atua em transformações que sejam necessárias para dar voz aos excluídos e invisibilizados, em busca de uma vida humanamente justa.

RECURSOS DE REGISTRO DA PESQUISA

Destacamos a importância dos registros orais como forma de expressão linguística de uma dada comunidade ou grupo social, também como meio de expressarem pensamentos, opiniões, questionamentos, reivindicações e, principalmente, como um instrumento para potencializar suas vozes, que elas possam ser ouvidas fora de sua comunidade e em outros momentos de nossa história. Sobre a importância desses registros Ayala (2015) destaca:

A existência dos registros preservados permite analisar nossa atuação enquanto pesquisadores, o que se privilegiou em nossos registros etnográficos, como buscamos o aprimoramento das formas de contato e convívio, criando vínculos de amizade e de cumplicidade com os artistas tradicionais com que convivemos (AYALA, 2015, p. 49).

A boa relação entre pesquisador e pesquisado, como já citamos anteriormente neste documento, é salientada pela autora, bem como, a relevância dos registros dessas vozes de pessoas que Ayala (2015) chama de referenciais de saberes tradicionais por serem verdadeiros patrimônios imateriais de nossa cultura e sociedade.

Para registrar nossas pesquisas de campo e entrevistas podemos utilizar recursos como gravação, filmagem e fotografias. Porém, em consonância com Cruz Neto (2002), esses recursos auditivos e visuais não podem substituir o olhar crítico e aguçado do investigador. Este deve perceber o não-dito, os silenciamentos, o que está nas entrelinhas da narrativa e das ações dos atores sociais, ou seja, “nada substitui o olhar atento de um pesquisador de campo ao evasivo próprio da realidade das relações sociais” (CRUZ NETO, 2002, p. 63).

Ao observar não podemos nos esquecer de anotar o que vimos, nossas percepções acerca das interações da comunidade, de

suas formas de viver. O diário de campo deve ser um instrumento que faz parte da caminhada de quem pesquisa, visando “manter o pacto de boa convivência, além de uma relação direta” (PEREIRA, 2014, p. 32) com os participantes da investigação. O diário, portanto, servirá para além de anotar datas, cronogramas, perguntas a serem realizadas, essencialmente, será útil para escrever sobre os dilemas, cenas, hábitos, tudo que for percebido e considerado relevante no ambiente social da comunidade, seu cotidiano, suas práticas, bem como, as angústias do pesquisador, seus pontos de vista e percepções. Temos o seguinte exemplo de uso do diário de campo:

Eu anoto as coisas que estão acontecendo [...] E anoto também o que as pessoas falam, principalmente o que as pessoas falam entre si. É um momento em que eu, inclusive, procuro me retirar um pouco de cena, não me tornar muito visível, me fazer um pouco opaco, para muito mais ver e procurar entender do que perguntar (BRANDÃO, 2007, p. 13).

Assim sendo, Brandão (2007) destaca a importância de anotar situações que podem ser consideradas banais, mas que em um dado momento pode estar relacionadas a outras ações, a hierarquias, a organizações e relações do contexto social. O autor complementa:

Então, eu começo ali mesmo, no contexto da observação, a tentar explicar por que as coisas devem ser assim, qual é a lógica subjacente àquilo, quais são as regras de conduta, quais são os princípios operativos daquela relação de trabalho produtivo, de trabalho pedagógico, de trabalho ritual (BRANDÃO, 2007, p. 14-15).

Essa ferramenta será usada tanto nas observações de campo como ao longo das entrevistas realizadas em grupos ou individualmente com membros da comunidade estudada. “Quanto

mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado” (CRUZ NETO, 2002, p. 64). Além das observações, podemos também anotar conexões das observações com análises de outras pesquisas e teóricos lidos. A partir de nossas anotações, escreveremos nossas impressões e questões acerca das articulações sociais de uma dada comunidade, que podem ser indagadas durante a entrevista para dirimir dúvidas, esclarecer o que não ficou compreendido e solicitar aos sujeitos da pesquisa que reflitam sobre suas práticas.

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Antes de iniciar a entrevista é necessário que o pesquisador, a partir das observações e estudos realizados, elenque os tópicos ou questões norteadoras para guiar suas entrevistas narrativas, visto que, “as questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos” (MINAYO, 2002b, p. 17-18).

A entrevista acontece em um primeiro momento quando pesquisador e indivíduos ou grupos estudados se reúnem e realizam a entrevista. Brandão (2007) e Pereira (2014) destacam o segundo momento em que retornam para que os sujeitos da pesquisa ouçam a gravação ou tenham acesso a sua transcrição, daí tiram dúvidas, esclarecem equívocos e acrescentam detalhes que achem pertinentes, é a oportunidade do entrevistado se explicar, ampliar ou mudar alguma informação. Brandão (2007) enfatiza a importância desse retorno, de esclarecer determinados pontos, ou até falar sobre assuntos que deveriam ser discutidos e não foram por ter se desviado no momento da entrevista, por não ter tido

tempo, etc. Como exemplo desse rever o que foi dito na entrevista, Áurea Pereira (2014) argumenta:

O momento no qual o/a colaborador/a narra e interage com a leitura de suas narrativas, é também o momento da interpretação, da resignificação do sentido, da vida e da reinvenção de si, e, especificamente, o momento de ter acesso aos percursos de experiência formativa (PEREIRA, 2014, p. 40).

Essas entrevistas podem ser marcadas com antecedência e acontecer em um local calmo, agradável para o entrevistado, onde se assegure que não haja interrupções para que não atrapalhe o fluxo de ideias e pensamentos. Ou, a depender do objetivo do pesquisador, podem acontecer nos espaços de convívio social para que os sujeitos da pesquisa analisem e ajudem o cientista social a compreender as relações de saber da comunidade.

A depender do propósito do pesquisador, a entrevista pode ser estruturada, semi-estruturada ou aberta. “Assim, torna-se possível trabalhar com as entrevistas aberta ou não estruturada onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas” (CRUZ NETO, 2002, p. 58). Já a semi-estruturada trata-se da entrevista que é realizada com questões norteadoras, mas que deixa o narrador um pouco mais livre para falar sobre suas experiências e o pesquisador pode acrescentar perguntas ao longo do diálogo.

As entrevistas devem ser gravadas para depois serem transcritas. E, mesmo sendo gravadas, como já dito anteriormente, é importante que o entrevistador anote em seu diário de bordo expressões, contradições, percepções que ele tem das falas, ações, interações e silêncios dos indivíduos entrevistados. Já para a pesquisa com a história de vida, consoante Cruz Neto (2002, p. 59),

destaca-se a entrevista em profundidade “que possibilita um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e informante”, pois, “nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança”.

Esses momentos das entrevistas dependem de um item essencial que é a memória. Abrahão (2003) afirma que a memória nas narrativas (auto)biográficas auxilia o pesquisador a tecer suas análises. “Nesta tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica” (ABRAHÃO, 2003, p. 80). A autora acrescenta que o trabalho com narrativas, para além da análise de condutas, é a participação “na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador” (ABRAHÃO, 2003, p. 85). Portanto, temos o estudo (auto)biográfico como uma construção da qual participam os sujeitos da pesquisa, o pesquisador e o meio social no qual é realizada.

Trata-se, por conseguinte, de uma pesquisa rica em subjetividades. Ao trabalhar com memórias, ressignificamos fatos narrados, “conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não” (ABRAHÃO, 2003, p. 86). Em vista disso, cabe ao investigador agir eticamente, com compromisso social, político e ideológico em relação aos indivíduos e grupos sociais estudados.

Nesta perspectiva de compromisso ético com essas pessoas, é muito importante ter paciência e saber ouvir. Pereira (2014, p. 29) destaca em sua pesquisa que “[c]ada voz, em ressonância, trazia outras vozes como a do silêncio, da indiferença, da denúncia e da exclusão”, vozes que estimulam uma leitura crítica de mundo. Portanto, para dar visibilidade a tais saberes é necessário conhecê-los bem. E esse conhecer perpassa pela observação participante,

pela integração e relação do pesquisador à comunidade estudada. Brandão (2007) ressalta que a observação participante junto com a entrevista facilita a interpretar o material da fala, o discurso que o pesquisador vivenciou na comunidade, relacionando-se com seus membros e com as ações dos coletivos sociais.

“As narrativas de vida conduzem os sujeitos ao encontro e reconhecimento de si, considerando as experiências e aprendizagens ao longo do processo de formação” (PEREIRA, 2014, p. 34). Portanto, a entrevista narrativa possibilita conhecer variados aspectos da vida dos narradores ao se exporem, demonstrarem a singularidade de suas vidas e experiências que os constituem como sujeitos de suas histórias. Segundo Pereira (2014), a representação que as entrevistadas fizeram de si em sua pesquisa, permitiu a cada uma a análise de como se tornaram o que são e como se veem no futuro. Pois, como assume Minayo (2002a, p. 13) os seres históricos e sociais “vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído”.

Quando realizamos entrevistas narrativas devemos criar um clima de confiança para que os sujeitos da pesquisa “ao narrar-se [...] apreend[am] sua própria vida e a compreendem, recontando-a” (PEREIRA, 2014, p. 39), assim, segundo Áurea Pereira (2014), a reflexão do indivíduo sobre sua história, pensamentos e ações retorna a sua consciência e lhe possibilita a ampliação do conhecimento sobre si. É, por conseguinte, “um reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual” (CRUZ NETO, 2002, p. 59). Ao rememorar suas histórias esses sujeitos podem interpretar suas relações sociais em diferentes tempos, comparando seu passado com os acontecimentos e ações do hoje, bem como, futuras perspectivas.

Mesmo sendo sujeitos pertencentes a uma só comunidade, cada história é única. “É muito importante que se respeite a própria maneira como a pessoa se coloca numa entrevista” (BRANDÃO, 2007, p. 18), ou seja, cada indivíduo possui suas idiosincrasias, sua personalidade, suas experiências e seu modo de ver e atuar em suas relações.

Brandão (2007) destaca que, a depender de quem seja o entrevistado, devemos começar a entrevista por perguntas simples, relacionadas ao dia-a-dia dos sujeitos pesquisados, perguntas mais elaboradas, que exigem uma análise mais crítica e profundidade das relações sociais devem ser deixadas para depois quando os laços são estreitados e a confiabilidade estabelecida.

O pesquisador deve “ter consciência de que numa pesquisa, muitas vezes, a coisa mais importante são as respostas que não foram perguntadas, as coisas que fluem e saem livremente” (BRANDÃO, 2007, p. 27). Ressaltamos que se o narrador silenciar em algum questionamento isto também pode ser uma resposta às nossas perguntas. Pode acontecer de o entrevistado selecionar a informação que será dada, omitir algumas informações por serem fatos desagradáveis para ele, momentos de sofrimento ou situações que não se sente confortável para serem veiculadas ao público. Em entrevistas feitas ao longo de nossa pesquisa, foi solicitado que desligássemos a câmera para que as informações não fossem veiculadas, mesmo não podendo expor o que nos foi dito, aquelas foram falas preciosas que contribuíram para compreender melhor a vida e atitudes daquelas pessoas e as situações de conflito e repressão pelas quais passaram e ainda passam ao temer que pessoas alheias saibam o que foi dito na entrevista. Assim sendo, o pesquisador deve respeitar o desejo do entrevistado, mas também, ficar atento sobre a importância de tais fatos e o porquê desses parênteses e/ou omissões.

Abrahão (2003) também advoga pela atenção que o pesquisador deve dar a informações que são comumente repetidas pelos sujeitos da pesquisa, por se tratarem, para estes, de situações ou sentimentos importantes a serem externados. Outro tipo de expressão de memória citada pela autora é quando o narrador se apropria de memórias de outros membros da comunidade e as destaca como se ele próprio tivesse vivido o acontecimento.

No processo de transcrição das entrevistas e seu trato há que ter cuidado com a “textualização e retextualização realizado com a transcrição das narrativas contadas, partindo para a textualização do material e buscando ser fiel ao “dito” e “não dito” nas entrevistas” (PEREIRA, 2014, p. 37), sendo imprescindível nesse procedimento respeitar a forma de falar, pensar e agir dos grupos sociais, pois, eles representam suas heranças culturais e sociais. Esses aprendizados são destacados por Abrahão (2003) em sua pesquisa com educadores:

Pela leitura transversal das trajetórias de vida pessoal e profissional dos destacados educadores de nossa pesquisa pudemos apreender teorias e práticas de formação, de ensino, de relações interpessoais e institucionais, de construção identitária-do ser educador-relacionados aos diferentes momentos e cenários sócio-político-econômico (ABRAHÃO, 2003, p. 81).

Destacamos que ao interpretar o que é dito e observado, o pesquisador não desmerece as vozes e análises dos locutores/atores sociais, ele está fazendo uma leitura dos dados coletados no esforço de compreendê-los com base em suas perspectivas de análises, respaldado em teóricos da área e, principalmente, orientado na dimensão social, política e histórica da qual fazem parte os sujeitos da pesquisa. “Juntando observações com entrevistas, se tem um dado a respeito de como se estrutura um campo de relações de saber” (BRANDÃO, 2007, p.

18). Para fazer essas ligações é sempre importante ouvir, reouvir, analisar, avaliar e reavaliar os dados escritos, transcritos, filmados, lidos e experienciados, levando em conta que a prioridade são as pessoas da pesquisa, suas vozes e suas relações nos grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão aqui apresentada, advogamos por uma pesquisa de campo em que o pesquisador se envolva, vivencie e compreenda os rituais e relações dos sujeitos da comunidade em estudo para poder captar o simbolismo das ações, compreender o que está envolvido em determinadas falas, entender silêncios e negações.

A importância do retorno à comunidade pesquisada, dando-lhes *feedback* dos resultados é uma condição *sine qua non* para a pesquisa, visando futuros e possíveis desdobramentos do estudo. Pois, o objetivo das pesquisas com narrativas (auto)biográficas é que os coletivos sociais tenham sua voz ouvida e sua representação presente em variados espaços políticos, sociais e econômicos.

Ressaltamos que não existe uma bula para desenvolver uma pesquisa, temos passos a seguir, mas cada pesquisa é única e terá suas idiosincrasias. Caberá ao pesquisador agir sempre com respeito e sabedoria para lidar com as situações que lhe são apresentadas, tendo cuidado para não condicionar respostas ou fazer análises apenas do seu ponto de vista sem uma intrínseca relação com os saberes dos narradores das comunidades. Reside aí a importância das sensibilidades, vivências, conhecimento de campo e comprometimento com a criação de uma sociedade decolonial, emancipadora e democrática.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. Pelotas: *História da Educação*, n. 14, p. 79-95, set. 2003.
- AYALA, Maria Ignez Novais. Saberes Tradicionais em Palavra, Som e Imagem. In: AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos (Org.). *Metodologia para a pesquisa das culturas populares: uma experiência vivenciada*. Crato: Edson Soares Martins Ed., p. 38-50, 2015.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Pesquisa Participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina*. Aparecida: Ideias e Letras, p. 21-54, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan.-jun. 2007.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de Metodologia In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- PEREIRA, Áurea da Silva. *Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), Salvador: UNEB, 2014.

